

Observações sobre o percurso de um acontecimento

Observations on the course of an event

Adriana de Paula¹

¹Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

paula-ad@uol.com.br

Abstract: This study aims to conduct a discursive analysis of the route that the discussions on the USP strike, which began in May 5, 2009, took and led to a discursive event as it started being target of the mainstream media coverage in the country. Data analysis is based on the concepts of discourse analysis and focuses on the notions of event, controversy, file and memory.

Keywords: event; memory; discursive analysis.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise discursiva do percurso que as discussões em torno da greve da USP, iniciada em 05 de maio de 2009, foi tomando até se tornar um acontecimento discursivo, ganhando repercussão nos principais meios de comunicação do país. A análise dos dados partirá de conceitos da Análise do Discurso e terá como foco as noções de acontecimento, polêmica, arquivo e memória.

Palavras-chave: arquivo; memória; análise do discurso.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise discursiva do percurso que as discussões em torno da greve da Universidade de São Paulo (USP), iniciada em 05 de maio de 2009, foi tomando até se tornar um acontecimento discursivo (cf. FOUCAULT, 2008a [1969]; 2008b[1970]; PÊCHEUX 1997[1988]; POSSENTI, 2006), ganhando repercussão nos principais meios de comunicação do país. Para tanto, tomamos como objeto de análise um conjunto de 160 textos publicados desde o início da greve até 04 de julho de 2009, momento em que, já encerrada a greve, é publicada a última notícia em torno da reposição dos dias parados.

O *corpus* analisado é composto basicamente de textos publicados no jornal *Folha de S. Paulo* ao longo do período considerado, mas conta também com textos publicados em *Carta Capital*, *Época*, *O Estado de São Paulo*, *Caros Amigos*, o site *Observatório da Imprensa* e em diversos blogs.

A análise dos dados partirá de conceitos da Análise do Discurso e terá como foco as noções de acontecimento, polêmica, arquivo e memória.

Breves apontamentos teóricos

A noção de acontecimento é fundamental para o desenvolvimento desse trabalho, não só por permitir traçar o percurso tomado pelos enunciados produzidos em torno da greve da USP, como por sua relação com a história, remetendo a outros eventos do passado que podem ser relacionados a esse evento ou que são rememorados no discurso dos diferentes enunciadorees dos textos analisados.

Em sua obra *A arqueologia do saber*, Foucault (2008a [1969], p. 31-32) mostra que um enunciado é um acontecimento à medida que, de um lado, está ligado a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra e, de outro, abre para si mesmo uma existência no campo da memória, porque é:

[...] único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem. (FOUCAULT, 2008 [1969], p. 32)

Michel Pêcheux, em *O Discurso: estrutura ou acontecimento* (2008 [1988]), também trata da questão da memória ao definir esse conceito. Para ele, o acontecimento discursivo é aquele que se produz “no ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (p. 17). Partindo da análise do enunciado *On a gagné* (*Ganhamos*), que circulou na mídia francesa por ocasião da vitória de François Mitterrand, em 1981, Pêcheux afirma que:

A materialidade discursiva desse enunciado coletivo é absolutamente particular: ela não tem nem o conteúdo nem a forma, nem a estrutura enunciativa de uma palavra de ordem de uma manifestação ou de um comício político. *On a gagné* [Ganhamos], cantado com um ritmo de uma melodia determinados (on-a-gagné/dó-dó-dó-sol-dó) constitui a retomada direta no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar. Este grito marca o momento em que a participação passiva do espectador-torcedor se converte em atividade coletiva gestual e vocal, materializando a festa da vitória da equipe, tanto mais intensamente quanto ela era mais improvável. (PÊCHEUX, 2008, p. 21)

Ao analisar esse acontecimento, Pêcheux mostra como, deslocado para o campo político um enunciado típico do campo esportivo, ele deixa de funcionar como uma “proposição estabilizada”, podendo significar a partir de diferentes formações discursivas, oferecendo diferentes “lugares de interpretação”. Assim, com base nesse acontecimento, o autor mostra que é possível encontrar proposições aparentemente estáveis, suscetíveis de resposta unívoca, e proposições equívocas, marcadas por diferentes possibilidades de interpretação.

Tomando como base os trabalhos de Foucault e Pêcheux, Possenti (2009, p. 119) afirma que o acontecimento é “o que foge à estrutura, ou a uma rede causal, ou a uma origem”, é algo *inesperado* ou *espetacular*. Desse modo, não será propriamente a greve o acontecimento a ser analisado neste trabalho, já que frequentemente ocorrem greves na USP, mas a repercussão em torno do confronto entre policiais e manifestantes durante um ato promovido no âmbito da greve. Esse episódio será considerado um acontecimento discursivo, pois, de acordo com Possenti (2006), os fatos se transformam em acontecimento à medida que retornam, revisam, analisam, especificam, detalham, correlacionam outros fatos similares ou tornados similares, formando “uma espécie de arquivo, no interior do qual as relações intertextuais e interdiscursivas se desenham, as diversas posições se materializam, as posições vão se repetindo ou se renovando” (p. 93).

Essa correlação com outros fatos similares ou tornados similares remete ao conceito de memória discursiva que, segundo Brandão (2004, p. 98), baseada em Courtine (1981), “diz respeito ao conjunto de sequências discursivas preexistentes à ‘sequência

discursiva de referência””, ou seja, um acontecimento discursivo evoca uma memória que faz vir à tona formulações já enunciadas anteriormente. Assim, a greve da USP e seus desdobramentos evocam, por exemplo, a memória de outras greves que aconteceram nesta universidade, da ocupação da reitoria da USP em 2007, da intervenção policial durante a ditadura e de tantos outros acontecimentos discursivos retomados nos textos produzidos a partir desse evento, o qual provocou a produção de um conjunto de textos que foram comentados, analisados, relacionados, repetidos, marcados por fatos que os precederam e que podem ser reunidos em um *arquivo* (cf. FOUCAULT 2008a [1969]) que permita reconstituir sua memória discursiva.

O corpus analisado

O conjunto de textos produzidos em torno da greve da USP e, mais especificamente, do confronto entre policiais e manifestantes é bastante extenso e pode ser encontrado em diversos meios de comunicação: jornais, revistas, agências de notícias, *blogs*, listas de discussão, comunidades de *sites* de relacionamento, páginas de associações de docentes, funcionários ou de diretórios estudantis, etc. Diante desse vasto material, optamos por analisar os textos produzidos ou que circularam na esfera jornalística, por apresentarem diferentes posicionamentos a respeito da questão, em especial os textos publicados na *Folha de S. Paulo*, dada a importância desse jornal no estado de São Paulo e a facilidade de acesso a esse material.

Para a constituição de nosso *arquivo*, utilizamos o mecanismo de busca do *site* do jornal *Folha de S. Paulo*, partindo do dia 5 de maio de 2009, data do início da greve, e percorrendo os meses seguintes até a data da última publicação a respeito desse movimento. Utilizamos também a ferramenta *Google* para buscar outras fontes que pudessem nos fornecer outros posicionamentos a respeito da questão.

Representativos de diferentes gêneros discursivos, dentre eles, cartas de leitor, entrevistas, editorial, artigos de opinião, notícias e reportagens, esses textos expressam tanto opiniões de quem defende a greve, os estudantes e funcionários e critica a ação violenta da polícia, quanto de quem defende a polícia, a reitora e os grupos antigreve e critica o extremismo dos manifestantes.

O *corpus* foi organizado considerando inicialmente o suporte onde o texto foi publicado, em seguida o gênero¹ e, por fim, o tipo de posicionamento defendido em cada texto.

Os recortes foram numerados a partir do suporte e gênero e serão apresentados de modo a ilustrar os aspectos que se destacam na discussão em torno da greve e da entrada da polícia no *campus* da USP.

O percurso do acontecimento

Se analisarmos cronologicamente os fatos, a partir dos textos publicados no jornal *Folha de S. Paulo*, podemos dizer que o “embrião” desse acontecimento “foi gerado” no dia 05 de maio de 2009, quando os funcionários da USP decretaram greve reivindicando um reajuste salarial. No dia seguinte, a *Folha* publica a primeira notícia sobre a

¹ Foram selecionados textos que se inscrevem numa formação discursiva favorável ou contrária à greve e à presença da polícia no campus.

questão no caderno *Cotidiano*, informando sobre a greve, as reivindicações dos grevistas e apresentando dados mostrando a baixa adesão ao movimento.

Ainda observando do ponto de vista cronológico, nos dias subsequentes vamos encontrar uma sequência de notícias informando sobre os desdobramentos da greve. Em 07 de maio, outra notícia é publicada, destacando a decisão dos grevistas de pararem o Centro de Saúde. A cada edição, a *Folha* vai apresentando breves notícias trazendo informações a respeito do andamento da greve, apresentando números acerca dos serviços paralisados, mostrando os transtornos gerados pela paralisação do refeitório e da biblioteca, informando sobre a paralisação dos professores, a adesão da Unicamp e Unesp e a realização de um ato em frente à reitoria.

Até esse momento, podemos dizer que o que temos é a apresentação de fatos corriqueiros que caracterizam uma greve em uma universidade, embora já se possam notar indícios do posicionamento assumido pelo jornal em relação ao movimento grevista.

É no dia 26 de maio que esse fato começa a ganhar maior repercussão para logo mais se tornar um acontecimento. A reportagem *Estudantes invadem a reitoria da USP* destaca os prejuízos provocados pela invasão e deixa clara a reprovação do jornal a tal ato, não só pela utilização do termo *invasão*, como pela foto que ilustra o texto e evoca a imagem de muitas fotos tiradas durante rebeliões em presídios ou casas de detenção de menores.



Figura 1. Alunos durante invasão à reitoria da USP, na Cidade Universitária; ato acabou no final da tarde (Yuri Gonzaga) (Folha de S. Paulo, 26/05/2009)

Nos dias seguintes, as notícias continuam a girar em torno da rotina da greve e de suas consequências. Somos informados sobre a suspensão das negociações em função da invasão da reitoria, a nova paralisação dos professores, o fechamento dos museus ligados à USP e o bloqueio da entrada da reitoria.

É no dia 02 de junho que a polêmica em torno da greve efetivamente se instaura com a notícia de que a polícia vai passar a ocupar a USP para impedir piquetes dos grevistas. A partir daí, podemos dizer que o fato se torna um acontecimento e um conjunto de textos começa a ser produzido para tratar da questão.

No dia 06 de junho, a *Folha* deixa clara sua posição, ao publicar o editorial *Moinhos de vento na USP*, e a qualificar os grevistas como uma *minoria truculenta*, que pratica *arranques alucinados contra moinhos de ventos*. A partir daí, diariamente são publicados textos sobre o tema, seja para noticiar, analisar, criticar ou defender a greve.

Quando, na tarde do dia 09 de junho, ocorre um confronto entre polícia e estudantes durante uma manifestação de funcionários e estudantes da USP, Unesp e Unicamp, as

discussões já estão bastante acirradas e as publicações em torno desse acontecimento vão se tornar ainda mais polêmicas, conforme vai ser possível perceber nos dados apresentados nos próximos itens deste trabalho.

Análise dos dados

Serão apresentados três conjuntos de dados: o primeiro deles refere-se ao posicionamento adotado em relação à greve e tem como objetivo discutir de que modo se configura o discurso favorável ou contrário ao movimento. O segundo conjunto de dados é composto por artigos de opinião, editoriais, cartas de leitor e entrevistas e reflete os diferentes posicionamentos acerca da entrada da polícia no *campus* da USP e da polêmica gerada a partir desse acontecimento. Por fim, apresentaremos uma análise das posições antagônicas a respeito de diferentes questões relacionadas à greve presentes nas cartas de leitor que circularam na *Folha de S. Paulo* durante o período analisado.

A polêmica em torno do movimento

Conforme já mencionado, o *corpus* analisado é composto por 160 textos de diferentes gêneros. Nesse item serão considerados os artigos de opinião, entrevistas, cartas de leitor e editoriais, gêneros que deixam explícita a opinião de seu enunciador, permitindo-nos analisar de que modo vão sendo construídos os diferentes posicionamentos em torno da greve.

Excluindo as 91 notícias² que compõem o *corpus*, os textos se dividem em duas formações discursivas: 46,3% são contrários à greve; 36,2%, a favor e, em 17,3%, não é possível localizar um posicionamento favorável ou desfavorável ao evento.³

Os textos que assumem um posicionamento contrário sustentam-se, sobretudo, no argumento de que o movimento não teria credibilidade por causa da baixa adesão da comunidade uspiana. Embora sejam bastante heterogêneos em função de seus diferentes enunciadores, do lugar de onde falam e até mesmo da imagem que fazem de seu interlocutor, eles questionam a legitimidade de uma greve que conta com uma mobilização tão pequena, não sendo, portanto, representativa do que realmente deseja a maioria dos estudantes, professores e funcionários da USP.

Assim, em praticamente todos os textos que assumem uma posição contrária à greve, há uma ênfase muito grande no fato de que esse movimento representa o desejo de uma *minoria radical* cuja voz não corresponde ao anseio da maioria, como mostram afirmações do tipo:

- (01) [FSP – E 1] reuniram-se 120 membros [docentes], que decidiram pela greve, juntando-se a parte dos funcionários e dos alunos. A universidade tem 9.000 docentes. (Moinhos de vento na USP, 06/06/2009)

2 As notícias foram excluídas porque, de acordo com a estrutura desse gênero, ele não deve exprimir opinião, mas informar sobre um fato. Assim, apesar de algumas notícias apresentarem posicionamentos de pessoas ouvidas para a elaboração do texto, ou mesmo implicitamente revelarem um posicionamento do jornal sobre o tema, optamos por nesse item considerar apenas os gêneros cuja estrutura permitam a clara explicitação da opinião do enunciador.

3 É importante dizer que ser favorável ou contrário à greve é resultado de diferentes processos de identificação de sentido com relação ao significado da greve, assim, a posição favorável ou contrária deve-se a esses sentidos.

- (02) [FSP – CL 12] Os poucos alunos em greve são dos cursos de humanas. Nos outros cursos, continuamos a ter aulas normalmente. A greve de menos de 10% de estudantes não reflete o pensamento da maioria e dificulta quem quer estudar. (Victor Nogueira dos Santos, 11/06/2009)
- (03) [OESP – AO 1] Os professores não foram por via diferente: numa assembleia de 94 docentes, 80 votaram pela greve e a impuseram aos outros cerca de 4.900 professores da USP, que não delegaram à minoria ínfima o direito de decidir por eles. (José de Souza Martins, Professor emérito da Faculdade de Filosofia da USP, 14/06/2009)

Além dos dados numéricos, o posicionamento contrário à greve também se expressa no léxico utilizado para designar os grevistas: *minoría truculenta, baderneiros, pequenos grupos, parcela minoritária, grupos reduzidos, minorias radicais, grupos de militantes políticos profissionais, reduzido grupo de ativistas, grupelhos, grevistas profissionais, minoría barulhenta e raivosa*. Os termos utilizados expressam desde avaliações mais brandas, que reforçam apenas a baixa adesão ao movimento, como ocorre em *pequenos grupos* ou *grupos reduzidos*, por exemplo, até avaliações bastante negativas que desqualificam os grevistas a partir do adjetivo empregado, como ocorre em *minoría truculenta, minoría barulhenta e raivosa*, ou pelo sentido pejorativo do termo escolhido, como em *grupelho*, que reforça a visão de que os grevistas são insignificantes diante do número de pessoas contrárias a esse movimento.

Outra questão que emerge em alguns textos é a oposição entre as áreas da universidade, a partir de afirmações de que apenas docentes e alunos da área de humanas participariam desse tipo de ação, como se pode notar em: *os poucos alunos em greve são dos cursos de humanas*; as manifestações são promovidas pelos *esquentados de sempre, sobretudo o pessoal da FFLCH e da ECA*.⁴ Nesses textos, há a veiculação de um perfil dos alunos das diferentes áreas, reforçado em momentos de mobilização estudantil, quando circula dentro da universidade o discurso de que alunos de cursos da área de humanas seriam mais adeptos de greves e manifestações que os alunos das áreas de exatas e biológicas.⁵

Os textos que se inscrevem numa formação discursiva favorável à greve buscam desconstruir o discurso de seus oponentes através da apresentação da pauta de reivindicações, da crítica à Univesp,⁶ do questionamento dos números apresentados pelas notícias a respeito da adesão à greve e da oposição à ideia de que apenas docentes e alunos da FFLCH sejam a favor da greve e participem das manifestações. O que marca esses textos é a contra-argumentação em torno do posicionamento assumido por aqueles que se inscrevem na formação discursiva oposta. Conforme Maingueneau (2005, p. 113), “a polêmica aparece exatamente como uma espécie de homeopatia pervertida; ela introduz o Outro em seu recinto para melhor conjurar sua ameaça, mas esse Outro só entra anulado enquanto tal, simulacro”. Ou seja, para sustentar seu posicionamento, não basta ao enunciador defender sua opinião, é preciso colocar o ponto de vista do discurso Outro no seu *campo de ataque* para destruí-lo.

4 FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; ECA – Escola de Comunicações e Artes.

5 Essa visão pode ser encontrada em comunidades de *sites* de relacionamento, por exemplo, em que há um forte debate a respeito de quem seriam os estudantes favoráveis à greve, frequentemente caracterizados como “baderneiros”, “preguiçosos”, “agitadores”, etc. Nessas comunidades, predomina a ideia de que os grevistas seriam os alunos da área de humanas, que, muitas vezes, são descritos como sujeitos que se dedicam pouco aos estudos e, por isso, têm tempo para protestar contra tudo.

6 Um dos itens da pauta da greve é contra a criação da Univesp (Universidade Virtual do Estado de São Paulo) cujo objetivo é oferecer cursos à distância para a formação de professores do estado.

A carta de leitor apresentada a seguir ilustra essa estratégia que caracteriza os textos favoráveis à greve:

- (04) **[FSP – CL 4]** “O editorial “Moinhos de vento na USP” (**Opinião**, 6/6) tacha de forma tendenciosa a greve na USP. A pior distorção foi quanto à manifestação contra a Univesp -Universidade Virtual do Estado de São Paulo. Professores e estudantes se posicionam contra a Univesp não por que ela democratizaria o ensino. O ensino a distância em si não é um problema. O problema é o ensino a distância de má qualidade: a Univesp está sendo implementada às pressas, sem o devido planejamento que demanda um projeto tão grande (criar 60.000 vagas, cerca de 5.000 já neste ano). Assim como a democratização do ensino fundamental, investindo em prédios e não em pessoas qualificadas, resultou em sucateamento, a Univesp pode democratizar a formação de professores/pesquisadores sucateando novamente o ensino pela forma desestruturada com que é implantada.” (Mariana Franco, estudante de jornalismo da USP (São Paulo, SP) (09/06/2009)

O texto de Mariana Franco é iniciado a partir da explicitação do discurso com o qual polemiza e apontando uma visão tendenciosa presente nesse discurso a respeito da greve da USP. Em seguida, a partir da afirmação de que há uma distorção na visão defendida pela *Folha* a respeito da Univesp, a autora passa a mostrar porque isso ocorre. Para apresentar seus contra-argumentos, ela retoma a visão expressa no editorial com o qual dialoga para negar que quem é contra a Univesp seria contra a democratização do ensino, afirmando, em seguida, que o que se questiona é a má qualidade desse ensino a ser democratizado.

Na constituição do discurso polêmico é frequente a “destruição” do outro para a construção da identidade própria. Essa estratégia é utilizada pela maioria dos autores das cartas de leitor analisadas, como mostra o exemplo abaixo:

- (05) **[FSP – CL 15]** 2) O professor José Arthur Giannotti fala em “pautas fantasiosas”. Eu gostaria que ele respondesse se é fantasioso solicitar que nossos salários, que hoje carregam uma perda de 42% em relação ao que eram em 1989, sejam corrigidos para patamares minimamente decentes. Os índices por ele apresentados, aliás, são falsos. Índices corretos poderiam ter sido fornecidos a ele pela Adusp e pela própria reitoria. (Marlene Suano, professora-doutora do Departamento de História da FFLCH-USP (São Paulo, SP) (12/06/2009)

Conforme Maingueneau (2005), o adversário traduz o discurso do outro a partir da semântica global do seu discurso. Desse modo, ao retomar o texto de José Arthur Giannotti para questionar o que ele define como “pautas fantasiosas”, a professora Marlene Suano afirma incisivamente que não é fantasioso lutar por reajuste salarial, ou seja, é a partir da retomada do discurso do Outro, que vai se constituindo o discurso do Mesmo.

Essa mesma estratégia pode ser observada no trecho do artigo de opinião abaixo apresentado:

- (06) **[FSP – AO 3]** Por fim, contrariamente a certa ideia que um anti-intelectualismo militante gosta de veicular nestes momentos, vários alunos alvos de balas de borracha são extremamente dedicados em seus cursos, participam sistematicamente de colóquios e programas de pesquisa, apresentam “papers” em congressos e podem ser constantemente encontrados em nossas bibliotecas. Sendo certo que vêm de todas as faculdades de nossa universidade (e não apenas da área de humanas, como alguns querem fazer acreditar), é inaceitável tratá-los como delinquentes potenciais. Dentre os 2.000 estudantes que se manifestaram nesta semana estão alguns de nossos melhores alunos. (Vladimir Safatle, 36, é professor do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo). (12/06/2009)

A argumentação do professor Vladimir Safatle é construída a partir da criação do simulacro de um *anti-intelectualismo militante* que divulga a falsa ideia de que os alunos que participam desse tipo de manifestação são aqueles cujo objetivo principal na universidade não é estudar. Assim, para desqualificar o discurso do adversário, ele afirma que esses alunos participam ativamente das tarefas acadêmicas que fazem parte de sua formação e conclui dizendo que, dentre eles, estariam alguns dos melhores alunos da universidade, o que se opõe à ideia divulgada pelo adversário de que seriam apenas os “baderneiros” os responsáveis por essas manifestações.

Conforme Maingueneau (2010), cada texto polêmico:

[...] implica um quadro comunicacional, um gênero ligado a um suporte e a lugares de difusão, que lhe prescreve um modo de existência, ele se inscreve, além disso, em uma temporalidade específica, constitui um acontecimento enunciativo que adquire sentido em relação a outro da mesma espécie. (p. 193)

Ao observarmos os gêneros cuja característica básica é a explicitação de uma opinião, como os artigos de opinião, editoriais e cartas do leitor, a oposição entre aqueles que são contra ou a favor da greve, contra ou a favor da entrada da polícia no *campus*, ficam evidentes e marcam a linha argumentativa assumida nos textos analisados, principalmente naqueles produzidos após o confronto entre a polícia e os estudantes, acontecimento que caracterizou a polêmica instaurada em torno desse evento.

O conjunto de textos produzidos após o conflito evidencia duas formações discursivas: de um lado, aqueles que consideram absurda a violência policial e criticam a reitora por ter solicitado a ocupação e, de outro, aqueles que defendem a intervenção e falam no direito daqueles que são contra a greve, defendendo a reitora ou falando em nome dela.

Nessa extensa lista de textos, a análise dos artigos de opinião, entrevistas e cartas de leitor permite identificar essas diferentes formações discursivas e o léxico empregado por seus autores é um caminho fecundo para a identificação da posição assumida nesses textos.

Nos textos em que há uma crítica à ação policial, ocorre uma série de adjetivos para qualificar o episódio que são mais ou menos negativos e que revelam a posição que ocupam seus autores. Assim, o texto assinado pelo Grêmio Politécnico chama a ação policial de *desmedida*; o do leitor Cristiano Melo qualifica como *um absurdo*, *inaceitável e sem nenhuma justificativa*, *um confronto covarde*; o do professor Safatle descreve o ocorrido como *cenas de batalha campal* e afirma que, *quando se tenta reduzir manifestantes que procuram melhorias em suas condições de trabalho a tresloucados patológicos que nada têm a dizer, que não têm nenhuma racionalidade em suas demandas, dificilmente alguma forma de diálogo conseguirá se impor*.

Os textos que defendem a presença policial na USP recorrem à desqualificação dos manifestantes como forma de justificar o ocorrido. Desse modo, no texto da reitora ocorrem expressões como: *minorias radicais ou militantes profissionais* que são os responsáveis por esses *episódios lamentáveis*. Para a polícia, há um *pequeno grupo que não coaduna com o interesse da maioria* e age de maneira *desordeira e antidemocrática*, atentando contra *a liberdade de trabalho* e depondo *contra a finalidade social*; já no texto do professor Giannotti, são usados termos como *total esquizofrenia*, *apodrecimento*

e pautas *fantasiosas* para se referir ao que os *ditos radicais* fazem na USP e o texto do professor Dallari vai dizer que o que ocorre é um *radicalismo fora de moda*.

Os textos daqueles que se posicionam contra a reitora fazem afirmações do tipo: *gesto tresloucado de chamar a polícia; opressão, autoritarismo, autocracia, tirania imoral dessa reitora incapaz de conviver com manifestações democráticas*. A decisão de pedir intervenção policial na universidade é qualificada como uma *intransigência irresponsável* ou *uma confissão tácita de sua incapacidade* e a reitora é caracterizada como *uma figura lamentável, e sua gestão, ruínosa*.

Para Pêcheux (2011[1981], p. 73), “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”, e é justamente isso que observamos nos itens lexicais utilizados por esses sujeitos para marcarem sua posição em relação a esse acontecimento. Nesse sentido, é exemplar o adjetivo utilizado pelos membros do Grêmio Politécnico, que historicamente é conhecido por se posicionar contra greves ou qualquer manifestação de esquerda. Sendo assim, ao qualificar a ação policial de *desmedida*, o tom, embora contrário, é bem mais ameno do que o daqueles que se inscrevem numa formação discursiva favorável à greve.

Outro aspecto que merece destaque é o fato de que, independentemente da posição assumida, os dois posicionamentos falam do conceito de democracia, como mostra o artigo de Marcos Nobre, publicado em 16/06/2009. A polícia, por exemplo, vai tratar a manifestação dos estudantes como *autoritarismo, prepotência, maneira desordeira e antidemocrática*, os professores, funcionários e estudantes vão dizer que a reitora é *incapaz de conviver com manifestações democráticas*; o professor Giannotti afirma que há o risco da *esculhambação da democracia*; Marcos Nobre afirma que o conflito da USP revela *quão baixo ainda é o nível de democratização da sociedade brasileira*.

Embora tomem como ponto de partida o mesmo conceito, cada qual fala a partir de sua formação discursiva. Sendo assim, parecem estar certos a respeito da visão que cada um tem do que seja a democracia e de que atitudes poderiam feri-la. Conforme Maingueneau,

O exercício da polêmica presume a partilha do mesmo campo discursivo e das leis que lhe estão associadas. É preciso desqualificar o adversário, custe o que custar, porque ele é constituído exatamente do Mesmo que nós, mas deformado, invertido, conseqüentemente, insuportável. (1984, p. 125)

Nesse sentido, todo discurso apresenta um conjunto de *semas positivos* e *semas negativos*. Mesmo quando os dois partem do mesmo conceito, como ocorre com relação à noção de democracia evocada aqui, conforme a formação discursiva de quem a evoca, os efeitos de sentido produzidos serão diferentes.

Por fim, outro aspecto que merece destaque e que está diretamente relacionado à noção de memória discursiva são as referências a momentos históricos, principalmente relacionados à ditadura, ao ano de 1968 e às lutas do movimento estudantil no passado. Para aqueles que desqualificam o movimento atual, citar o passado é uma forma de mostrar que as reivindicações daquela época eram outras e que hoje não se justifica um movimento desse tipo. Já para os que defendem o movimento, a memória de eventos ligados à ditadura é resgatada para reforçar a violência praticada pela polícia e mostrar o quão inaceitável é o que aconteceu na USP.

Os fragmentos transcritos a seguir exemplificam o tipo de posicionamento assumido nos textos que constroem seu discurso através de um resgate da memória discursiva em torno desse acontecimento e da oposição entre passado e presente:

- (7) **[OESP – N 5]** “Naquela época havia a ditadura e o perigo de ela se aprofundar. Agora só há o risco da esculhambação da democracia.” (Eduardo Nunomura. *Confronto na USP gera críticas na academia*. Estadão, 11/06/2009).
- (8) **[CA – N 1]** Desde 1968, quando os tanques do Exército invadiram a Cidade Universitária para prender opositores do regime, não se via cenas de barbárie como as registradas no final da tarde de terça-feira, dia 09 de junho (*Submetralhadora, pau-de-arara e cremes na USP*. Lúcia Rodrigues. Caros Amigos, 18/06/2009).
- (9) **[FSP – CL 12]** “Acho extremamente importante o papel dos estudantes no passado, em movimentos como o das Diretas Já, mas é impressionante que ainda existam pessoas que não saíram da década de 70 e querem lutar contra algo que não mais existe.” (Victor Nogueira dos Santos. Painel do leitor, FSP, 11/06/2009).

Maingueneau (2005, p. 114) afirma que “cada discurso deve simultaneamente responder aos golpes que recebe e dar golpes”. Assim, aqueles que criticam a ação dos estudantes procuram mostrar que os conflitos do passado ocorriam por causas bem mais nobres do que as de hoje e que, portanto, não haveria justificativa para esse tipo de manifestação estudantil. Na visão de alguns, os estudantes nem teriam autoridade para falar em repressão, pois não viveram as arbitrariedades sofridas por eles no passado. Os que criticam a polícia fazem o inverso, comparam a violência do passado com a atual e mostram que a violência praticada na USP só pode ser comparada com aquela sofrida pelos estudantes nos momentos mais duros da ditadura.

Cartas do leitor: a explicitação de posicionamentos antagônicos

No *corpus* selecionado, há 33 cartas do leitor enviadas à *Folha de S. Paulo* discutindo questões relativas à greve da USP. A seção *Painel do leitor* é o espaço de que dispõe o leitor para manifestar-se a respeito dos assuntos tratados no jornal. Desse modo, diante da polêmica instaurada em torno da greve, vários leitores encontraram nesse gênero uma forma de se posicionar.

Segundo Maingueneau (2010, p. 192), “frequentemente, só há polêmica retrospectivamente, quando um locutor – tendo ouvido ou lido um enunciado – julga que há algo a responder, provocando, por sua vez outras respostas”.

As cartas do leitor são a manifestação da resposta desses locutores que vêm acompanhando o percurso desse acontecimento através do jornal. Nessas cartas, há o diálogo entre diferentes gêneros: cartas e cartas, cartas e entrevistas, cartas e artigos de opinião, bem como a predominância de determinados temas: a escolha do reitor, a educação à distância, a questão salarial, o confronto com a polícia, o posicionamento dos diferentes movimentos, a opinião em torno da greve. Além de diversos subtemas, como: a oposição entre a área de Exatas e Humanas, a ditadura militar, o despreparo da polícia, a democracia, entre outros.

Assim, organizamos as cartas de acordo com seus temas e com a posição defendida em cada uma delas. Em seguida, analisamos de que lugar discursivo fala o autor de cada carta e de que modo esse lugar discursivo interfere no posicionamento assumido por seu autor.

A primeira carta publicada a respeito desse acontecimento data de 06/06/2009 e atribui ao modo como o reitor é eleito, classificado como uma *herança da ditadura*, a responsabilidade pelos *embates cíclicos entre a comunidade acadêmica e a direção*. Nessa carta, ainda não há um tom de “violência verbal” (cf. MAINGUENEAU, 2010, p. 189) como o que marcará as publicações seguintes, mas já é possível ver um posicionamento bem marcado em relação ao modo como é eleito o reitor, um dos temas de debate na pauta da greve.

No dia 07/06/2009, um dia depois da publicação do polêmico editorial *Moinhos de vento na USP*, uma carta do professor Adilson Roberto Gonçalves discute o conteúdo do editorial, principalmente no que se refere à defesa que o jornal faz da abertura de cursos à distância.

No dia seguinte, o leitor Paulo Cesar Rebello Giacomelli, replica a ideia de que parte do “corpo docente e discente da USP volta-se contra uma medida tão **generosa e auspiciosa** como a promoção de cursos a distância a serem ministrados por professores qualificados da universidade. Isso não deixa de ser um símbolo do **egoísmo da elite intelectual brasileira**, [...] a **amorfa** menina vai continuar preferindo o barulho à reflexão, o bar ao teatro, o ringue à biblioteca”. Nessa carta, além da resposta ao professor Adilson, é explícito o juízo de valor que o enunciador faz daquilo que ele chama de “elite intelectual” e da visão que tem do jovem brasileiro. O trecho se inicia com dois adjetivos que qualificam positivamente a criação dos cursos a distância, em seguida, o adjetivo **amorfa** categoriza negativamente a elite intelectual brasileira, o que será reforçado pelas preferências que o enunciador atribui a essa *meninada*.

Ainda relacionadas ao tema da carta do professor Gonçalves, no dia 09/06/2009, duas cartas são publicadas: a de uma estudante de jornalismo que critica o projeto de educação a distância, mostrando o perigo de produzir uma educação de má qualidade, e a de Leonardo Tote, assessor de imprensa da Secretaria de Desenvolvimento do Estado, que se dirige diretamente ao professor Adilson Roberto Gonçalves, dizendo que não são verdadeiras suas afirmações a respeito das “decisões judiciais que concedem reajuste salarial aos funcionários da antiga Faculdade de Engenharia Química de Lorena (Faenquil)”.

Sobre essas quatro primeiras cartas, vale considerar a posição de onde falam seus autores. Segundo Maingueneau:

Para que haja polêmica, é necessário que sujeitos que ocupam certo lugar percebam tais ou tais enunciados como intoleráveis do ponto de vista desse lugar, a ponto de julgarem necessário entrar em conflito com a suposta fonte desses enunciados. (2010, p. 196)

E é exatamente isso que fazem os autores dessas cartas. Cada qual se manifesta a partir do lugar discursivo que ocupa e replica enunciados que considera intoleráveis a partir desse lugar. Para explicitar o tipo de posicionamento assumido nas cartas do leitor, apresentamos, abaixo, um breve conjunto de dados representativos dos temas e pontos de vista abordados nesses textos.

Exemplos de cartas

- (10) [FSP – CL 1] “O que vem acontecendo na USP? Herdada da ditadura militar, a falta de representatividade no comando da universidade, cujo reitor não é eleito democraticamente, e sim escolhido pelo governador a partir de uma lista tríplice, força embates cíclicos entre a comunidade acadêmica e a direção. Os reitores, antes de se preocuparem com as reais necessidade acadêmicas, se veem inseridos na busca por estatísticas eleitoreiras. A utilização de recursos (escassos) para a criação de cursos superiores a distância, por si sós de qualidade duvidosa, choca-se com a necessidade imediata de melhorias da infraestrutura dos prédios, das salas de aula, do suporte estudantil, de condições de trabalho adequadas para os funcionários e os professores. (Wady Issa Fernandes, São Paulo, SP) (06/06/2009)
- (11) [FSP – CL 10] “Em complemento à carta do leitor Wady Issa Fernandes (“Painel do Leitor”, 6/6), a Reitoria da USP esclarece que a composição da lista tríplice, encaminhada ao governador para a escolha do novo reitor, é composta obedecendo ao sistema de dois turnos, de acordo com o que rege o Estatuto da Universidade. No primeiro turno, são eleitos oito nomes pelos membros da Assembleia Universitária, formada pelo Conselho Universitário, pelos conselhos centrais e pelas congregações das unidades. No segundo turno, são eleitos três nomes entre os oito escolhidos, sendo eleitores os membros do Conselho Universitário e dos conselhos centrais. Ressalte-se que todos os segmentos da comunidade universitária -professores, alunos e funcionários técnico-administrativos – têm sua representatividade assegurada nesses colegiados.” (Adriana Cruz, assessora de imprensa da Reitoria da USP, São Paulo, SP) (10/06/2009)

Tendo como objetivo principal apontar falhas no modo como o reitor é eleito na USP, a primeira carta toma como ponto de partida a referência a um modelo herdado da ditadura militar, como uma forma de desqualificar o processo e mostrar ser essa a principal causa dos *embates cíclicos* que ocorrem na universidade. O uso dos adjetivos *escassos*, *duvidosa* e *eleitoreiras* marcam o posicionamento crítico que permeia todo o texto de Wady Issa Fernandes.

A segunda carta é uma resposta explícita ao enunciador da primeira. Ao referir-se diretamente ao seu interlocutor e usar o verbo *esclarece* para introduzir o posicionamento da USP em relação ao processo eleitoral criticado por Wady Issa Fernandes, Adriana Cruz deixa claro que está falando em nome da universidade, o que funciona como um argumento de autoridade dentro de seu texto. Além disso, ao construir o texto de forma bastante didática, a enunciativa vai tornando mais preciso para seu interlocutor como funciona todo o processo eleitoral, como se quisesse convencê-lo a partir desse esclarecimento.

A respeito do lugar de onde falam os autores das cartas e da posição que ocupam para dizer o que dizem, apresentamos abaixo duas cartas a respeito da entrada da polícia no *campus*, que explicitam ainda melhor essa questão:

- (12) [FSP – CL 28] “Diferentemente do que o professor Vladimir Safatle diz no artigo “A universidade não é caso de polícia” (“Tendências/Debates”, 12/6), a Polícia Militar não fez uso de metralhadora na USP, fato que pode ser comprovado pelas fotos nos jornais e imagens das TVs. A Polícia Militar nunca utiliza esse tipo de armamento para conter distúrbios civis, exceto para a proteção da tropa quando os manifestantes estão armados. No caso da USP, foram usados apenas armamentos e técnicas não letais, como munições de borracha e agentes químicos, conforme determinam os manuais de controle de distúrbios civis das melhores forças policiais do mundo. A PM esteve na Universidade de São Paulo apenas para cumprir uma ordem judicial.” (Dorival Mignanelli, capitão da PM, São Paulo, SP) (15/06/2009)

- (13) **FSP – CL 29]** “Diferentemente do que afirmou o capitão da PM Dorival Mignanelli (“Painel do Leitor”, ontem), a PM entrou, sim, armada com metralhadoras no campus da USP. O capitão afirma que elas não foram utilizadas nos distúrbios de terça-feira, o que é verdade. No entanto, os policiais que na semana anterior dissolveram os piquetes em frente à reitoria e postaram-se diante do prédio estavam armados. Tanto foi assim que os professores que discutiram com a reitora sobre a presença dos policiais no campus questionaram o uso de metralhadoras. [...] (Vladimir Safatle, professor do Departamento de Filosofia da USP, São Paulo, SP) (16/06/2009).

Como nas cartas anteriores, o diálogo entre os dois locutores é explícito e mostra o embate entre dois diferentes lugares de enunciação: de um lado, temos a voz oficial da polícia que se vê acusada e sente a necessidade de defender-se; de outro, a voz de um professor que critica a ação policial realizada durante a manifestação dos grevistas.

A polêmica começa com a publicação do artigo de opinião *A universidade não é caso de polícia* (“Tendências/Debates”, 12/6) em que o professor Safatle apresenta-se como alguém que nunca fez parte do movimento sindical, não frequenta assembleias, mas vê com “estarcimento a disseminação da crença de que conflitos trabalhistas devem ser resolvidos apelando sistematicamente à polícia”. É interessante observar aqui o modo como o autor do artigo se apresenta, deixando claro que não faz parte do grupo de “grevistas radicais” tão criticado no jornal, mas que também não concorda com a violência da ação policial, principalmente diante do despreparo dessa polícia.

Nesse artigo de opinião chama a atenção o tom do texto e o modo como Safatle insiste em reforçar o despreparo da polícia e apresentar os alunos que estavam na manifestação como inofensivos, deixando claro que *é inaceitável tratá-los como delinquentes potenciais*. A imagem construída dos policiais e dos estudantes é o que dá força à sua argumentação e foi justamente o que incomodou o capitão Dorival Mignanelli, que julgou *intoleráveis* os enunciados de Safatle.

Ao apresentar-se como alguém que é contrário à greve, mas que não pode concordar com o uso da violência contra estudantes, Safatle sustenta sua argumentação, levando o capitão Mignanelli a *entrar em conflito* (cf. MAINGUENEAU, 2010) com os enunciados proferidos por ele.

A carta de Mignanelli soa como a voz oficial da polícia que se viu ofendida por Safatle e que tem por obrigação esclarecer o que ocorreu durante o conflito. Assim, ele inicia o texto fazendo uso do discurso indireto para retomar o que disse o professor e mostrar que sua afirmação está equivocada. É importante dizer que ao introduzir o texto com o advérbio de modo *diferentemente*, o capitão explicita que as afirmações de seu interlocutor não são verdadeiras. Em seguida, ele esclarece como trabalha a polícia em ações desse tipo e conclui reforçando que o trabalho da polícia teve o objetivo apenas de cumprir uma ação judicial.

Diante da carta de Mignanelli, o professor Safatle “julga que há algo a responder” (cf. MAINGUENEAU, 2010, p. 192) e faz uso da mesma estratégia de seu interlocutor para dar sua resposta. Inicia seu texto com o mesmo advérbio de modo e reafirma que a polícia estava armada. Aqui também o uso do discurso indireto é importante, já que como afirma Bakhtin/Volochinov (1995[1929], p. 144), para “penetrar completamente no conteúdo do discurso citado, é indispensável integrá-lo na construção do discurso”, e é justamente isso que Safatle faz em seu texto ao incorporar a voz do capitão na construção de seu próprio discurso e mostrar que, embora seja verdade que na manifestação do dia

09/06 a polícia não estava armada, no dia 01/06, momento de sua entrada no *campus*, ela portava metralhadoras, conforme afirmou em seu artigo de opinião do dia 12/06.

O diálogo entre essas duas cartas e o embate de ideias presente nelas mostra como vai se constituindo a polêmica em torno desse acontecimento, e como a cada resposta vai surgindo a necessidade de outras respostas, repetindo posições ou renovando-as. O lugar de onde enuncia cada autor é fundamental para a construção do sentido de cada carta e é o que contribui para que a polêmica em torno desse acontecimento seja reforçada.

Considerações finais

Muitos outros aspectos ainda poderiam ser discutidos a partir desse *corpus*, questões como a opção pelo termo *ocupação* ou *invasão* ao referir-se à entrada da polícia no *campus* ou dos estudantes na reitoria, dependendo do posicionamento do jornal a respeito da questão; a oposição entre *Exatas* e *Humanas* ao criticar ou defender a greve; o conflito entre movimento grevista e movimento antigreve; a oposição entre *minorias radicais* e *maiorias moderadas*; a violência policial; a autonomia universitária; a concentração de poder e tantos outros temas que emergem dos discursos a respeito desse acontecimento. Contudo, acredito que esses breves exemplos já dão a dimensão do percurso desse acontecimento e da polêmica que foi instaurada em torno dele.

Para concluir, recorro a uma citação de Maingueneau (2008), que embora seja um pouco longa, acredito que explicita os efeitos de sentido produzidos principalmente pelas cartas de leitor e artigos de opinião analisados. Segundo esse autor,

[...] a escolha da cenografia não é indiferente: o discurso, desenvolvendo-se a partir de **sua** cenografia, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima. O discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início; mas, de outro lado, é por intermédio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar a cenografia que ele impõe. Para isso, é necessário que ele faça seus leitores aceitarem o lugar que ele pretende lhes designar nessa cenografia e, de modo mais amplo, no universo de sentido do qual ela participa. Toda tomada de palavra é, com efeito, em diversos graus, incursão em um risco, sobretudo quando se trata de gêneros ou de tipos de discurso que têm necessidade de se impor contra outros pontos de vista e de provocar uma adesão que está longe de ser dada. (MAINGUENEAU, 2008, p. 117)

Essa busca de adesão é justamente o que permeia grande parte dos textos analisados, que constroem sua argumentação baseados na desconstrução do ponto de vista do outro e de uma posição discursiva que o distingue da posição assumida por aqueles que ele critica.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHÍNOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995. [1929].

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise o discurso*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008a. [1970].

_____. [1969]. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. *Cenas da enunciação*. Organização: Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Gênese dos discursos* [1984]. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pecheux*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. Análise do discurso e acontecimento: breve análise de um caso. In: NAVARRO, Pedro (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006.

ANEXOS

Lista de textos analisados

CRUZ, Adriana. Painel do leitor. *Folha de S. Paulo*, 10/06/2009.

FERNANDES, Wady Issa. Painel do leitor. *Folha de S. Paulo*, 06/06/2009.

FRANCO, Mariana. Painel do leitor. *Folha de S. Paulo*, 09/06/2009.

MARTINS, José de Souza. O medo da classe sem destino. *O Estado de S. Paulo*, 14/06/2009.

MIGNANELLI, Dorival. Painel do leitor. *Folha de S. Paulo*, 14/06/2009.

MOINHOS de vento na USP. Editorial. *Folha de S. Paulo*, 06/06/2009.

NUNOMURA, Eduardo. Confronto na USP gera críticas na academia. *O Estado de S. Paulo*, 11/06/2009.

RODRIGUES, Lúcia. Submetralhadora, pau-de-arara e cremes na USP. *Caros amigos*, 18/06/2009.

SAFATLE, Vladimir. A universidade não é caso de polícia. Tendências/Debates. *Folha de S. Paulo*, 12/06/2009.

SANTOS, Victor Nogueira dos. Painel do Leitor. *Folha de S. Paulo*, 11/06/2009.

SUANO, Marlene. Painel do leitor. *Folha de S. Paulo*, 12/06/2009.